

VÍTOR TEVES

LAMARIM

FRESCA

VÍTOR TEVES

LAMARIM

prefácio de Tatiana Faia

FRESCA

Em memória de
Maria Olinda da Silva Lamarinho
(1924-1996)

Prefácio

Don't fuck with me fellas! This ain't my first poem

Lamarim de Vítor Teves

Na primeira das suas *Weidenfeld Lectures* em Oxford, o poeta alemão Durs Grünbein falava da história de um selo com o qual ele se tinha cruzado na infância que tinha a efígie de Hitler. O poeta notava que, mesmo antes de saber a história desse selo, sabia que havia algo de sinistro acerca dele. O resto da aula era uma investigação sobre a tensão entre as forças que moldam a história e a história privada dos indivíduos. É na sua *Defesa da Poesia* que Shelley diz a dada altura que os poetas são os legisladores desacreditados da humanidade (*the unacknowledged legislators of the world*, o trocadilho na tradução é propositado). É bem possível que haja nisto alguma verdade, mas num sentido muito particular, que está, parece-me, intimamente ligado ao modo como um poema pode acertar contas com a história, crítica e decisivamente, deixar-nos em atenção perante ela, o que de outro modo tem de ser chamado a verdade da poesia. Os poetas são os legisladores desacreditados da humanidade por razões talvez aparentemente simplistas, que apontam para a sua função na cidade, de onde Platão concluiu que seria melhor expulsá-los: alguns dos melhores poemas que conheço foram escritos a partir desse lugar de tensão entre as forças da história e a vida privada dos indivíduos.

Importa reter esta ideia para ler *Lamarim*: o que neste livro é da ordem da história de vidas privadas esbarra muitas vezes contra as forças da história, que são um molde das vidas dos indivíduos (muitas vezes ou desajustado ou no qual é necessário fazer ajustes). Lançados contra a corrente de forças sociais e culturais mais amplas, e examinando-as, os poemas

de *Lamarim* surgem sob o signo da luz (*Acende* é o título do primeiro poema), e embora os poetas e as suas agruras também estejam representadas no fresco que é este livro, as artes poéticas que *Lamarim* nos sugere são antes de tudo artes de viver (leia-se, por exemplo, *Como Cortar Uma Laranja?*).

A poesia é de algum modo a história não autorizada da humanidade, daí outro poeta, William Carlos Williams, ter escrito um trecho que já devo ter citado algures - nunca suficientemente lembrado - e que no fundo é a melhor resposta para dar àqueles que têm necessidade de perguntar *para que serve a poesia*: que é difícil ler as notícias em poemas, mas que as pessoas morrem miseravelmente todos os dias, por falta do que lá se pode encontrar. Uma máxima que Karen van Dyck, editora de *Austerity Measures*, uma antologia de poesia grega contemporânea produzida durante os anos da crise, retomou no seu prefácio: poetas de novo na cidade, notícias do que facilmente desaparece e que não teria espaço nos jornais, entalhadas em poemas. Ou seja, a poesia como um espaço, não só, mas também de reflexão cívica, de cristalização de memórias colectivas.

Vítor Teves é, a par com João Bosco da Silva, um dos poetas mais prolífico da geração de autores portugueses nascidos na década de 80. Ambos estudaram no Porto, em disciplinas muito díspares, Vítor Teves licenciou-se em História da Arte, João Bosco em Enfermagem. Que se diga que ambos são dos poetas mais prolíficos da sua geração pode parecer uma afirmação estranha: João Bosco da Silva tem sete livros publicados desde 2009, colaborações com várias revistas e um blogue, *Memórias Do Amanhã Longínquo*, em vários momentos actualizado quase diariamente. À parte o aqui editado *Lamarim*, Vítor Teves é autor de apenas um outro livro de poemas

em sentido convencional, em edição de autor, *Dentes Tortos* (2017), não mantém um blogue, embora também ele esteja presente em várias revistas literárias e seja um dos autores que mantém a página da *Enfermaria 6*, que é um dos lugares que ele partilha com João Bosco da Silva. Muitos dos livros e plaquetes que Vítor Teves fez e faz são oferecidos e/ou dedicados a amigos que partilham com ele um interesse pela poesia ou pela outra arte que ele pratica - a do desenho, e são muitas vezes as obras desses amigos, um diálogo ou uma conversa com eles, que fazem com que Vítor Teves se lance num novo projecto criativo. Será muito difícil em algum ponto reunir a sua obra completa e teremos de torcer para que ele mantenha um registo completo dos livros e plaquetes que vai fazendo e oferecendo a amigos, o que duvido que seja o caso. Há nesta atitude desapego e uma incrível generosidade, mas também uma ideia de poesia enquanto gesto de comunicação privado e absoluto, que reconhece no diálogo constante com a criatividade dos outros o seu ponto de origem. Isto explica porque é que a tradição da poesia do Vítor Teves tem as suas raízes no mundo das artes visuais e na tradição literária do ocidente, desde a idade clássica até à contemporaneidade, inspirando-se de resto nas relações entre ambas, mas é ao mesmo tempo profundamente contemporânea, no sentido em que vê o que se está a fazer aqui e agora como tradição viva, tanto quanto os desenhos de Leonardo da Vinci ou os mármores do Partenon. Que estes poemas circulem desta forma é um gesto que o coloca na tradição de outro poeta português, Ruy Cinatti, cujos poemas eram muitas vezes compostos para e dados a amigos.

Enquanto a poesia de João Bosco denota um compromisso radical com uma ética da memória, onde se pesa diáspora

e identidade, a errância por cidades da Europa e por metrópoles longínquas, amizade, paixão, sexo, num teste constante aos fios que fazem e desfazem o eu que assoma nos seus poemas e que tende para uma depuração do real, a viagem do poema como percurso para o essencial, a poesia de Vítor Teves também pende para este efeito, mas fá-lo de outros modos: intensamente irónica, promíscua, contaminada por outras artes, numa voz que muitas vezes se rarefaz noutras, um pouco na senda da tradição modernista da heteronímia, e que não se restringe à identidade de género (Álvaro de Campos, mas também Violante de Cysneiros). Enquanto em João Bosco encontramos muitas vezes a paisagem de Trás-os-Montes como motivo desta poesia, com um imaginário de romarias, as rotinas de pequenas aldeias, o mundo das fragas e dos lagares, na de Vítor Teves mantém-se presente a paisagem dos Açores, as suas realidades e a arte que aí é feita (v. *A 7ª Árvore*).

Lamarim começa sob o signo da luz, mas também sob o dos Açores, as suas cores, mas também os isolamentos e a desigualdade de género que a insularidade impõe, expressos no vermelho do sangue e no negro do corvo que surgem nos primeiros dois poemas. Na verdade, cores e pureza de materiais (do aço, mas também da inesperada esferovite) surgem e ressurgem por todo o livro, mas a profundidade dos primeiros poemas pertence ao mesmo mundo dos versos do americano Hart Crane que se podem ler em *My Grandmother's Love Letters*: *Are your fingers long enough to play/ Old keys that are but echoes:/ Is the silence strong enough/ To carry back the music to its source/ And back to you again/ As though to her?* Também aqui se trata de recordar uma avó: recuperar um corpo cujos gestos adiam o vazio e uma voz de outro modo obliterada.

A actividade sísmica que é parte da vida no arquipé-

lago é o tema do poema *Os animais mais pobres*, onde o leitor é recordado de um velho mito sobre animais e sismos, de como eles conseguem prever o abalo antes que ele chegue, e *tentam em vão acudir/ o mais adormecido dos homens*. A precisão desta imagem é exemplar da poesia que Vítor Teves escreve e redonda numa visão mais profunda que se materializa na comparação entre os animais e Cassandra, apontando para o lado misterioso dos animais que convivem connosco, a sua estranheza e dons quase proféticos, mas eles tão impotentes como a profetisa dos Troianos, nós expostos no nosso sono, e é então que reparamos de novo no título do poema, pobreza afinal não é só o infortúnio que cabe aos outros, mas algo mais profundo, enraizado na nossa condição. Há muito pouco na poesia de Vítor Teves que não seja sobre empatia. O que me leva ao outro elo entre João Bosco e Vítor Teves, que se prende com o modo como a ideia de exílio existe na poesia de um e de outro. João Bosco vive na Finlândia, e olha para Portugal com o olhar crítico da diáspora. Na poesia de Vítor Teves esse olhar é projectado a partir de dentro. A semântica do exílio é fundamental para ler *Lamarim*. Margens interiores, figuras que normalmente não teriam voz, pontuam as paisagens dos poemas de Vítor Teves.

Muitas vezes, há uma ruralidade urbana que faz rir o leitor, quase que por acidente, e muitas vezes com recurso à autoparódia. Esta expõe o ridículo da mesquinhez e a crueldade inofensiva que, no entanto, fere de rotinas opressivas, quer através da exploração do lado opressivo de paisagens que pertencem a um mundo da lírica e até da poesia bucólica, quer pela representação de paisagens mais urbanas, onde se lê sobre a ansiedade dos jovens poetas que querem ser grandes e que não deixam de se fazer notar em eventos poéticos (mau

grado a ansiedade), ou mesmo ainda pela voz do próprio poeta, que declara *Don't fuck with me fellas!/ This ain't my first poem*, uma alusão à fala da personagem de Joan Crawford (Faye Dunaway) em *Mommie Dearest: Don't fuck with me fellas. This ain't my first rodeo*. Ambicioso mas tão despreparado como um peixe fora de água, sendo dos seus poemas mais admirados os de uma lírica menor. É bem possível que este seja um tempo propício a líricas menores, mas *Lamarim* sugere-nos a poesia, enquanto resposta à história, configura um retrato da humanidade, numa amálgama de beleza, força, falha e fragilidade que traçam a dimensão da escala que este livro percorre.

Os poemas de Vítor Teves falam-nos do amor, amizades, pinturas, esculturas, poetas portugueses contemporâneos. Se quisermos ler o livro como arte poética, o poeta diz a dada altura que eles são feitos com esferovite e fita-cola (v. *Poema Colado Com Esferovite E Cola*). Visitas em busca de um amor burguês são feitas a museus e há escadas onde poetas franceses da década de quarenta têm de se esforçar para não tropeçar em certa data. *Lamarim*, no entanto, faz por nós o que William Carlos Williams diz que os poemas nos devem fazer, dar-nos as notícias. Atente-se por exemplo num poema como *Exército Zombie* ou *Essa Gente Não Quer Trabalhar*, que coloca a poesia de Vítor Teves na mesma linha da dos poetas gregos que podemos ler em *Austerity Measures*. *Essa Gente Não Quer Trabalhar* lança um olhar sobre muitas coisas: a exploração do precariado que a crise tornou oportuna, parodiando pelo meio uma linguagem que de tão repetida, a dos anúncios de emprego, neste caso, se tornou normalizada, parece aceitável.

Há dois poemas neste livro que nos lembram que a habilidade para a alegria existe nos corpos antes da memória, antes da racionalidade, antes das feridas, devolvendo-nos à

linha entre a paixão e o regresso a um corpo amado. Estes dois poemas, Outubro *De Louís Fratino* e *O Meu Novo Namorado*, podem bem ser dois dos mais belos poemas de amor escritos em português nestes últimos tempos.

Um dos últimos poemas, *Na Terça Voltei A Pegar n'O Toldo*, é paradigmático da ética e poética que *Lamarim* nos propõe, e sugere-nos que algo neste livro pode ser lido como inscrito na tradição de uma provocação sobre uma provocação. Nele um pintor volta a pegar num dos livros de poesia que mais polémica suscitou nos últimos tempos em Portugal. Como muitas das polémicas literárias nacionais, esta é em alguns sentidos bastante desinteressante. Um poeta maior decide rever, para desgosto dos seus leitores, a sua obra. No poema o livro é descrito como pesado e uma vez aberto desperta uma epifania que não é da ordem do entendimento verbal mas visual. O poeta-pintor retrata-se sozinho no seu estúdio, o que de resto, por algum motivo, me faz pensar num auto-retrato atribuído a Camões, feito numa prisão em Goa, uma das muitas vicissitudes da vida de Camões, mas a poesia de Vítor Teves não existe no vácuo, e tal como a de Joaquim Manuel Magalhães, é uma poesia ágil e muscular, intimamente ligada a tradições epigramáticas, elegíacas e líricas cuja beleza e prolificidade têm mais que ver com as origens destes géneros que partem do prosaico para o transcender, a Alexandria da época helenística, do que o mundo demasiado sério e definitivo da épica. De algum modo, *Lamarim* diz-nos *a vida é feroz e que é também parte da tarefa da poesia explorar as suas feridas*, mas também nos diz, *calma, a vida é demasiado longa para ser só trágica*. Se quisermos contradizer a solidão do pintor no seu estúdio (de resto falsa, até aqui há um diálogo, com o também ele falsamente pesado *Toldo*) e nomear os antepassados poéticos de

Vítor Teves parece-me que eles são Álvaro de Campos, Mário Cesariny, Alberto de Lacerda, João Miguel Fernandes Jorge e Joaquim Manuel Magalhães.

Ninguém gostará dos desenhos, conclui o pintor, mas os gestos descritos, que de resto não se explicam inteiramente, sugerem que alguma coisa na ordem mais fundamental do mundo é de alguma forma restaurada por esta epifania de consciência individual que não pertence aos livros de história. Os poetas, que são, como dizia Shelley, os legisladores desautorizados da humanidade, precisam afinal de manter a sua objectividade.

Tatiana Faia

Oxford, 22 e 25 de Maio de 2019